

Ciclo Internacional de Conferências – “Património e Turismo: Impacto, Desafio e Futuro”. International Cycle of Conferences – “Heritage and Tourism: Impact, Challenge and Future”. Integrado no âmbito da Disciplina de Metodologias de Intervenção no Património Arquitetónico – 2024 / 25

Os Impactos do Turismo no Património Histórico do Egito

Marízia Clara de Menezes Dias Pereira

Professora Auxiliar, Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade de Évora, Portugal.

mariziacmdp3@gmail.com, marizia@uevora.pt

Resumo expandido

Há 5 mil anos, existiu uma civilização constituída por vários povos oriundos do deserto do *Sahara*, no Nordeste de África, organizada em clãs, que se dedicavam à agricultura e à criação de animais. Embora estivesse estabelecida ao longo das margens de um dos maiores rios do mundo, o Nilo, não parecia muito promissora, mas ao longo dos tempos, tornou-se essencial para a vida e para o sagrado.

A campanha militar e científica, liderada por Napoleão Bonaparte (1798-1801), conhecida como a “Expedição do Egito”, tinha como objetivo estabelecer a França como uma potência mundial, mas fracassou militarmente. Apesar das derrotas e do retorno de Napoleão em 1799, a expedição deixou um legado cultural e científico duradouro, com a publicação de *"Description de l'Égypte"*, que continha uma descrição científica detalhada do Egito Antigo, desde a história, monumentos, sociedade, núcleos urbanos e a história natural. O século XIX ficou conhecido pelo entusiasmo da Europa pelo país dos faraós, incentivado por romances de escritores famosos, como *Théophile Gautier*, *Gustave Flaubert*, *Agatha Christie*, *Florence Nightingale* e *Thomas Cook*, que contribuíram para o desenvolvimento do turismo moderno. Também foi importante a descoberta acidental da Pedra de Roseta por soldados franceses (1799), um fragmento de uma estela de granodiorito cinzento-escuro, que permitiu a decodificação da escrita egípcia. Na pedra, está inscrito um texto em três escritas diferentes, hieroglífica, demótica e grego antigo.

Com um comprimento de 7 088 km, o rio Nilo, com uma bacia hidrográfica de 3 349 000 km², poderá ter a nascente (?) no Lago Vitória, na Região dos Grandes Lagos Africanos, a sul da linha do Equador e desaguando no mar Mediterrâneo.

A sociedade do Egito Antigo era hierárquica e teocrática, com uma estrutura rígida organizada em pirâmide. Cada classe social teria funções perante o reino e quem estaria na base da pirâmide, deveria obedecer quem estava acima. No topo, estava o Faraó que exercia funções política e religiosa, o governador máximo e adorado como uma divindade terrestre. Na classe inferior, encontravam-se os sacerdotes, responsáveis por rituais, festas e atividades religiosas. Administravam os bens oferecidos aos deuses, acumulando uma grande quantidade de bens materiais. A terceira classe pertencia aos nobres, chefes militares, responsáveis pela segurança do território egípcio. Os escribas, tinham uma posição importante por serem responsáveis pela escrita egípcia, registavam a vida do faraó, dos acontecimentos do reino e registo de cobrança de impostos. As classes inferiores incluíam artesãos e comerciantes, seguidos por camponeses, essenciais para sustentar a economia agrícola e o reino, e os escravos, na base da pirâmide.

A religião era politeísta, ligada à política e à cultura. Acreditavam na vida após a morte e davam importância à mumificação para a preservação do corpo e do espírito, para grande viagem a *Aaru* ou Campos de Junco (paraíso). Cada deus tinha funções específicas e eram representados como humanos (antropomórficos), animais (zoomórficos) ou mistos (antropozoomórficos). O panteão dos deuses era complexo, representando as forças da natureza e os aspetos da vida cotidiana. Por ordem alfabética, indica-se os principais deuses e as respetivas funções: *Amon* (oculto e fertilidade), *Anubis* (morte, mumificação e passagem para a outra vida); *Bastet* (fertilidade, sexualidade e proteção das mulheres); *Hathor* (alegria, música, maternidade, protetora das grávidas e dos amantes); *Horus* (protetor dos faraós e respetivas famílias); *Ísis* (fertilidade, magia e maternidade); *Maat* (ordem, justiça e verdade); *Mut* (proteção e libertação das almas); *Neftis* (culto dos mortos e proteção dos sarcófagos.); *Osiris* (deus dos mortos e da

ressurreição); *Ra* (deus primordial associado ao Sol e criação do mundo); *Seth* (caos, violência, guerra e escuridão); *Sekhmet* (vingança e lado destrutivo do Sol); *Thoth* (sabedoria, cura e escrita); *Wadjet* (serpente que protege o faraó). As funções de cada divindade podiam ser variáveis, um deus podia assumir outros poderes e diferentes deuses podiam participar na criação do universo. A responsabilidade do panteão era garantir o equilíbrio e a ordem da civilização do Egito Antigo.

A origem das viagens partiu dos britânicos, com o tradicional itinerário pelo continente europeu (*Grand Tour*) para completar a educação dos jovens da nobreza, nos finais séc. XVII. No início, o objetivo era para conhecer os usos e costumes, as tradições, as paisagens e o cariz histórico-cultural das grandes cidades (Paris, Viena, Praga e Itália) e países (Sul de França, Países Baixos e os Alpes). No século XIX, esta atividade foi aumentando, coincidindo com o surgimento de companhias ferroviárias, literaturas e cupões de viagem que incluíam, principalmente, hotéis e restaurantes. Os navios a vapor facilitavam as deslocações para destinos pouco acessíveis, por exemplo, Norte de África e Ásia.

Após a II Guerra Mundial e a partir de 1950, com o crescimento económico na Europa e nos Estados Unidos, a expansão do turismo foi aumentando, com o crescimento da aviação comercial que encurtou as distâncias entre os continentes. A oferta de preços de viagens mais acessíveis, as campanhas de *marketing*, as infraestruturas turísticas e os pacotes turísticos organizados por agências e operadoras, possibilitou o surgimento do turismo de massas, caracterizado pelo grande número de pessoas que visitam um destino específico num curto período.

As principais atrações deste tipo de turismo são a história (sociedade e religião) e os monumentos antigos (templos, pirâmides e necrópoles), que permitem “viver” a época dos faraós, numa civilização que existiu à milhares de anos. Os Patrimónios Mundiais, sítios classificados pela UNESCO, constituem atrações para os turistas interessados em conhecer e interpretar a herança cultural do Egito. A partir de um pacote turístico, inventariaram-se *in situ*, os impactos negativos de três sítios da UNESCO: 1. *Mênfis* e a sua Necrópole - Complexos de Pirâmides de Gizé a *Dachur*. Critérios (i), (iii) e (vi) e referência 86. Bem cultural inscrito em 1979, com duas necrópoles, a de Gizé (pirâmides de *Quéops*, *Quéfren* e *Miquerinos* e a Grande Esfinge) e de *Saqqara* (pirâmide de degraus de *Zoser* e o *Serapeum*); 2. Tebas Antiga com sua Necrópole. Critérios (i), (iii) e (vi) e referência 87. Bem cultural inscrito em 1979, com os templos (*Karnak* e *Luxor*) e os vales dos Reis e das Rainhas; e 3. Monumentos Núbios de *Abul-Simbel* a *Philae*. Critérios (i), (ii) e (vi) e referência 88. Bem cultural inscrito em 1979, que integra a ilha de *Agilika* (*Philae*) e *Abul-Simbel* (Grande Templo de *Ramsés II* e Pequeno Templo de *Hator* e *Nefertari*). Foram identificados e observados *in situ*, vários impactos negativos, com destaque para: 1. Tempo limitado nas visitas aos monumentos; 2. Atos de vandalismo, com nomes e datas esgarçados nos monumentos históricos; 3. Ponteiros luminosos dos guias nos interiores dos templos; 4. Fluxo constante de pessoas em pequenas áreas; 5. Humidade das respirações que afetam e causam desgaste nas pinturas das paredes das tumbas; 6. Sobrelotação e pouco respeito entre os turistas por causa das selfies. Tirar uma foto com qualidade sem empurrões é quase impossível; 7. Visitas “obrigatórias” às lojas de papiros, tapetes, especiarias e de essências preferidas da Cleópatra (?); 8. Assédio constante de vendedores ambulantes que falam português ou portunhol, que interceptam e, por vezes, impedem os acessos aos monumentos; 8. Acessibilidade reduzida ou nula, para turistas que têm deficiência ou mobilidade reduzida devido às barreiras arquitetónicas nas áreas das pirâmides (Gizé e Grande Esfinge), de *Saqqara* (*Zoser* e o *Serapeum*) e impossível, no acesso à ilha de *Agilika* (*Philae*); 9. Camelos e cavalos com vestígios de maus-tratos (cicatrizes e extrema magreza), sem água e comida; 10. Risco de segurança devido ao terrorismo e à criminalidade.

O turismo e os patrimónios podem estar associados, se houver um equilíbrio entre os aspetos económicos e culturais. No caso do Egito, é necessário adotar práticas sustentáveis no âmbito da sensibilização e manutenção dos monumentos, no controle do número de visitantes em áreas sensíveis e no respeito e valorização das comunidades locais, sem descaracterizá-las. As políticas públicas também podem garantir que o turismo contribua para a salvaguarda do

patrimônio histórico, ao produzir recursos aplicados à conservação e à promoção da educação sobre o seu valor na história da colonização do planeta Terra.

Palavras-chave: Egito Antigo, civilização, sociedade, religião politeísta, turismo de massa.

Referências consultadas

- Ata, M. (2004). *O Egito de Ontem e de Hoje, visto por um Egípcio. Do Cairo a Luxor, Assuão, Abu Simbel, os templos Núbios, Alexandria, o Sinai e os oásis*. Arte e História. Edição Portuguesa. Sahayo Publishing & Distribution.
- Baines J & Malik J. (2008). *Cultural Atlas of Ancient Egypt*. London: Andromeda Oxford Limited.
- Budge W. (1961). *Osiris, The egyptian religion of resurrection*. Publisher: University Books.
- Chalaby, A. (2008). *Todo Egito. Del Cairo a Abú Simbel y el Sinai*. Edición Española (2ª edición actualizada). Editrice Bonechi, Florence, Italia.
- Harris J R. (1993). *O Legado do Egito*. Editora: Imago.
- Hart G. (2001). *The British Museum Pocket Dictionary of Ancient Egyptian Gods and Goddesses*. British Museum Press.
- Mcdonald A. (2008). *The Ancient Egyptians: Their Lives and Their World*. Published by The British Museum Press.
- Millard A. (1975). *The Egyptians (Peoples of the past)*. London: MacDonald & Company.
- Morley J & Salariya D. (1999). *How Would You Survive As an Ancient Egyptian?* London: Orchard/Watts Group.
- Remler P. (2010). *Egyptian Mythology A to Z*. 3ª. ed. Publisher: Chelsea House.
- Shaw I. (2000). *The Oxford Illustrated History of Ancient Egypte*.
- Guia American Express. (2009). *Egito. Vida no deserto, pirâmides, mesquitas, praias, mercados e oásis*. Dorling Kindersley Limited, Londres.